

## VIOLÊNCIA É CAÇA: A VIOLÊNCIA CONTRA MULHER NA VISÃO MULTINÍVEIS DA METÁFORA CONCEPTUAL

Ana Vitória Queiroz <sup>1</sup>

Brízzida Caldeira <sup>2</sup>

Tania Saliés <sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo investiga a conceptualização de violência presente na metáfora conceptual VIOLÊNCIA É CAÇA, que emerge em um *corpus* composto por 112 relatos de experiência protagonizados por mulheres vítimas de violência de gênero. Os dados foram gerados em grupos virtuais da rede social *Facebook*. Para compreender como a categoria VIOLÊNCIA é estruturada conceptualmente por essas mulheres, os dados são analisados quantitativa e qualitativamente, à luz do paradigma interpretativista, tendo como norte a visão multiníveis da Metáfora Conceptual (KÖVECSES, 2017) que inclui os conceitos de esquemas imagéticos, domínios, *frames* e espaços mentais. Em termos metodológicos, a pesquisa aplica procedimentos oriundos da linguística de *corpus* para geração e organização dos dados. Os resultados mostram que a conceptualização de VIOLÊNCIA emergente dos relatos aponta para a existência de uma construção cultural basilar que estrutura esse pensamento. Como consequência, surge o comportamento violento contra mulheres, conceptualizadas como animais passíveis de serem subjugados por um indivíduo supostamente mais forte.

**Palavras-chave:** Conceptualização de violência, Visão multiníveis da metáfora conceptual, Construção de sentidos.

### INTRODUÇÃO<sup>45</sup>

A violência é definida pela Organização Mundial de Saúde como o “uso intencional da força ou poder na forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa ou grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações” (KRUG, 2002, p.5). Em relação à violência contra a mulher no Brasil, uma pesquisa elaborada pelo Observatório da Mulher contra a Violência (DATASENADO, 2019) aponta que, entre 2011 e 2019, ocorreu um aumento de 24% das agressões cometidas pelos ex-parceiros das vítimas. O número de casos crescentes revela que, como

<sup>1</sup>Mestranda em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, queirozanavitoria@gmail.com;

<sup>2</sup>Doutoranda em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, brizzidanastacia@hotmail.com;

<sup>3</sup>Professora Associada da UERJ, orientadora: PhD em Linguística, Oklahoma State University, tania.salies@gmail.com

<sup>4</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

<sup>5</sup> Este estudo apresenta um recorte da dissertação de mestrado da autora principal.

pesquisadores, há um longo caminho até podermos entender de fato a violência enquanto distúrbio social.

Portanto, pesquisas relacionadas ao tema podem iluminar o avanço das discussões, tanto no campo da Sociologia e da Antropologia quanto na área da Linguística. Nesse sentido, a Linguística Cognitiva parece nos propiciar os elementos necessários à compreensão das formas de conceptualização da VIOLÊNCIA, a partir da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Segundo a abordagem cognitivista, a compreensão de conceitos abstratos ou complexos (violência, por exemplo) resulta de processos cognitivos dentre os quais figura o pensamento metafórico. Ele permite a compreensão de conceitos abstratos (como a violência) a partir de conhecimentos mais próximos da experiência corporificada concreta (como a caça) e pode ser analisado a partir de pistas linguístico-discursivas.

Partindo desse arcabouço teórico, o objetivo deste estudo é analisar qualitativamente a conceptualização de VIOLÊNCIA presente na metáfora conceptual VIOLÊNCIA É CAÇA. Tal metáfora emerge de um *corpus* composto por 112 relatos de experiência protagonizados por mulheres vítimas de violência de gênero. Os dados foram gerados em grupos virtuais da rede social *Facebook* e são analisados à luz do paradigma interpretativista, tendo como norte a visão multiníveis da Metáfora Conceptual (KÖVECSES, 2017). Em termos metodológicos, a pesquisa aplica procedimentos oriundos da Linguística de *Corpus* para geração e organização dos dados.

Após a análise dos dados, os entendimentos emergentes são relacionados a fatores sociais que apontam possíveis causas e consequências da violência, enquanto distúrbio social. A conceptualização de VIOLÊNCIA sinalizada pelos relatos parece indexar uma construção cultural que estrutura tal conceptualização. Como consequência, o comportamento violento contra as mulheres envelopa a conceptualização de serem elas animais passíveis de sujeição por um indivíduo supostamente mais forte.

## **METODOLOGIA**

A metodologia deste estudo considera as especificidades das interações em ambientes virtuais, em especial da rede social *Facebook*. Optamos pela geração de

dados nessa fonte por ser um dos sites de relacionamento mais populares do Brasil, com mais de 130 milhões de usuários no país<sup>6</sup>. A plataforma permite a interação em tempo real (através de mensagens, imagens e vídeos) entre grupos distintos, abarcando várias faixas etárias e níveis sociais (CARVALHO; KRAMER, 2013).

Essas comunidades virtuais fechadas são caracterizadas por terem em comum a motivação ativista relacionada às pautas sociais, como grupos formados por feministas ou militantes LGBTQ+ de diferentes regiões do Brasil. Por ter como característica o agrupamento de pessoas com interesses afins, pode-se considerar que redes sociais como essa refletem virtualmente o relacionamento social cotidiano (CARVALHO; KRAMER, 2013).

O *corpus* gerado nessa plataforma foi analisado quantitativa e qualitativamente, à luz do paradigma interpretativista. Ele é composto por 112 relatos protagonizados por mulheres vítimas de situações de violência, gerados em diferentes grupos da rede social *Facebook*, totalizando 20.102 palavras. Linde (1993) considera relatos dessa natureza como narrativas de experiência pessoal que revelam os atos de violência vividos pelas mulheres sob sua própria perspectiva. Para esta análise, selecionamos dois excertos de relatos com pistas linguísticas que estruturam a metáfora VIOLÊNCIA É CAÇA.

No que concerne aos procedimentos metodológicos, primeiramente, foi realizada uma leitura manual do *corpus* para a identificação das metáforas, seguindo o método *MIP – Metaphor Identification Procedure*<sup>7</sup> (PRAGGLEJAZ GROUP, 2007, p.3). Em seguida, utilizou-se o Dicionário Eletrônico Houaiss (2009) para verificar se as unidades lexicais encontradas nos excertos possuem significados concretos, mais relacionados à experiência corpórea. Conforme o método *MIP* (PRAGGLEJAZ GROUP, 2007), o objetivo foi analisar se esses significados poderiam substituir as expressões metafóricas localizadas. Portanto, nessa etapa, algumas metáforas conceptuais foram elencadas, dentre elas VIOLÊNCIA É CAÇA.

Para maior otimização da busca pelas ocorrências das expressões metafóricas relacionadas à metáfora conceptual VIOLÊNCIA É CAÇA, a ferramenta *Concordance* do

<sup>6</sup> Dados disponíveis em: <[https://www.statista.com/topics/751/facebook/#dossierSummary\\_chapter4](https://www.statista.com/topics/751/facebook/#dossierSummary_chapter4)>. Acesso em 05 mar 2020.

<sup>7</sup> Passos *MIP*: ler o texto-discurso para compreender o sentido geral; determinar as unidades lexicais; para cada unidade lexical, estabelecer o seu significado no contexto (considerando o contexto), e determinar se há um significado mais atual e mais básico (concreto, corporificado, mais preciso, mais antigo) em outros contextos do que no analisado; se houver tal significado, definir se o significado contextual se diferencia do significado básico, mas pode ser entendido em comparação a ele. Se sim, identificar a unidade lexical como metafórica.

software *AntConc* 3.2.4 (ANTHONY, 2012) foi utilizada. Para selecionar os termos a serem utilizados no programa, optou-se pela procura do verbo “caçar” no Dicionário Eletrônico Houaiss (2009). A partir dos significados encontrados, a lista das entradas lexicais mais concretas que emergiram das definições dicionarizadas foram lematizadas (Quadro 1), e aplicadas ao programa *AntConc*.

Quadro 1: Gatilhos de busca para “caçar”

Entradas lexicais selecionadas a partir dos significados dicionarizados de “caçar”	Gatilhos de busca
perseguir	perseg*
aprimonar	pris*
matar	mat*
caçar	caç*
garrar	garr*
prender	prend*
apanhar	apanh*

Fonte: As autoras (2020)

A partir desse caminho metodológico, a análise dos excertos foi operacionalizada sob a fundamentação teórica apresentada adiante.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Os dados selecionados foram analisados à luz da Linguística Cognitiva, com base nas teorias sobre Metáfora Conceptual. Os primeiros estudos acerca da metáfora conceptual surgiram em 1980, com Lakoff e Johnson. Para os autores, os seres humanos possuem um sistema conceptual essencialmente metafórico, que permite que conceptualizem um domínio em termos de outro. Transferimos atributos e aspectos do domínio-fonte (geralmente mais concreto) para o domínio alvo (usualmente mais abstrato).

A metáfora conceptual VIOLÊNCIA É CAÇA, emergente nos discursos que compõem o *corpus* desta pesquisa, exemplifica o que entendemos como domínios fonte e alvo. Como domínio-fonte, temos a CAÇA. Trata-se de uma experiência física concreta, é a atividade de perseguir, rastrear, prender e matar animais de maneira intencional. Já a VIOLÊNCIA funciona nessa metáfora como domínio-alvo, visto que se enquadra em uma

categoria abstrata que possui uma ampla gama de possibilidades semânticas (abrangendo tanto o corpo físico quanto a violência psicológica).

Na teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson, há o conceito de Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) (LAKOFF, 1987). Eles são arquivos de memória formados a partir da categorização dos conhecimentos sobre nossa cultura, crenças e experiências. Como tal, organizam e classificam nosso pensamento sob a estrutura de quatro princípios: *frames*, esquemas imagéticos, mapeamentos metafóricos e metonímicos. Para este estudo, optamos pela visão multiníveis da Metáfora Conceptual (KÖVECSES, 2017), como aporte para realizar a análise dos excertos. Dentre os princípios estruturantes dos MCI, Kövecses (2017) considera o *frame* como um dos níveis que compõem a metáfora conceptual. Definidos por Fillmore (1982), os *frames* consistem em sistemas de conceitos relacionados entre si de tal maneira, que para entender qualquer um deles é preciso entender a estrutura que os comporta como um todo [...]” (p.11).

A Visão Multiníveis da Metáfora Conceptual (KÖVECSES, 2017) visa organizar as terminologias relacionadas à formação das metáforas conceptuais em hierarquias, identificando quais aspectos elencamos no momento da construção do significado. Para Kövecses (2017, p. 322), as metáforas conceptuais envolvem simultaneamente diferentes estruturas conceptuais em níveis variados de esquematicidade. São elencados quatro níveis: (1º) subindividual, nível dos esquemas imagéticos; (2º e 3º) supraindividuais, relacionados aos domínios e *frames*; e (4º) individual, que abrange os espaços mentais.

O nível subindividual, pertencente aos **esquemas imagéticos**, corresponde à ideia de que as experiências corpóreas vividas pelos seres humanos fornecem e fundamentam nossa estruturação conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Portanto, tem como ponto de partida alguns aspectos fisicamente experienciados, sobretudo as relações espaciais, como PARTE-TODO, FORÇA, TRAJETÓRIA, CONTÊINER, VERTICALIDADE, FRENTE-TRÁS. Kövecses (2017) adota as definições propostas por Lakoff (1987). Esquemas imagéticos são “estruturas relativamente simples que se repetem constantemente em nossa experiência corporal cotidiana” (LAKOFF, 1987, p. 267), blocos de construção basilares da cognição, visto que são as primeiras e mais fundamentais representações mentais de conhecimento que desenvolvemos na infância, de acordo com a nossa interação com o mundo (KÖVECSES, 2015).

No que tange aos níveis supraindividuais, que têm como constituintes os **domínios** e o *frames*, encontram-se respectivamente ordenados hierarquicamente abaixo dos esquemas imagéticos. É nesses níveis que encontramos a maneira como padrões metafóricos descontextualizados são representados linguística e culturalmente. Em termos comparativos, domínios, *frames* e MCI divergem apenas nos seus níveis de esquematicidade. Nesse sentido, o domínio possui uma característica mais esquemática enquanto o *frame* é mais específico (KÖVECSES, 2017). Sob uma visão global dos níveis, ambos são mais específicos do que os esquemas imagéticos, visto que abarcam mais elementos e oferecem uma gama de informações mais rica.

Kövecses (2017), contudo, opta pelas definições de Langacker (1987) para domínio matriz, e de Fillmore (1982) para *frames*. Assim sendo, o domínio matriz é entendido como um conjunto de domínios que organizam as representações cognitivas de unidades semânticas (Langacker, 1987) e pressupõe uma variedade de conceitos que caracterizam diferentes aspectos do domínio. Ademais, são considerados como “entidades necessariamente cognitivas: experiências mentais, espaços representacionais, conceitos ou complexos conceituais” (1987, p.147<sup>8</sup>).

Diferentemente dos esquemas imagéticos, os domínios não são padrões analógicos de experiência, mas sim possuem natureza proposicional altamente esquemática. Embora sejam mais detalhados cognitivamente, os domínios são alicerçados pelos esquemas imagéticos e têm seus aspectos particulares elaborados pelos *frames* (KÖVECSES, 2017).

Para Fillmore (1982), “um *frame*, enquanto noção que desempenha um papel na descrição dos significados linguísticos, é um sistema de categorias estruturado de acordo com algum contexto motivador” (p.119<sup>9</sup>). Engloba “qualquer sistema de conceitos relacionados de tal maneira, que, para entender qualquer um deles, você tem que entender a estrutura inteira na qual se encaixa” (p.111). Nesse sentido “quando uma das coisas nessa estrutura é introduzida em um texto ou em uma conversa, todas as outras são disponibilizadas automaticamente” (p.111<sup>10</sup>).

---

<sup>8</sup> Texto original “*domains are necessarily cognitive entities: mental experiences, representational spaces, concepts, or conceptual complexes*”. Tradução nossa.

<sup>9</sup> Texto original: “*A frame, as the notion plays a role in the description of linguistic meanings, is a system of categories structured in accordance with some motivating context.*”. Tradução nossa.

<sup>10</sup> Texto original: “*Any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits; when one of the things in such structure is*

*Frames* que elaboram um domínio consistem em papéis e as relações existentes entre eles podem ser preenchidas por valores específicos. Quando isso ocorre em situações comunicativas reais, lidamos com **espaços mentais** (KÖVECSES, 2020), estruturas que aparecem no quarto nível, o individual, e que contemplam “o sistema cognitivo metafórico usado pelos falantes individuais de uma língua” (p. 321). Kövecses (2017) os entende como “estruturas muito parciais construídas quando pensamos e conversamos, para fins de compreensão e ação local. Eles contêm elementos e são estruturados por *frames* e modelos cognitivos” (p. 326) e estão conectados ao conhecimento esquemático de longo prazo. Além disso, em relação aos *frames* e domínios, o autor os entende como “representações on-line de nossa compreensão da experiência na memória de trabalho, enquanto os *frames* e domínios são estruturas de conhecimento convencionalizadas na memória de longo prazo” (p.326).

Em suma, os multiníveis da metáfora conceptual são sistematizados em relação aos graus de esquematicidade existentes. São usados pelas pessoas com o objetivo de promover organização e coerência à experiência humana (KÖVECSES, 2020). O primeiro, subindividual, abarca as estruturas altamente esquemáticas relacionadas aos aspectos universais de vários tipos de corporificação: os esquemas imagéticos. Já os níveis 2 e 3 correspondem aos domínios e *frames*, alocados na nossa memória de longo prazo. Enquanto o nível 4, individual, atua na memória de trabalho, ao longo do processamento cognitivo on-line. Por fim, há também o nível 5, concernente ao discurso no qual os espaços mentais são ativados.

Com base nos caminhos teórico-metodológicos acima delineados, a seguir, apresentamos a análise de excertos selecionados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do *AntConc* trouxeram à tona uma série de relatos com expressões metafóricas concernentes à metáfora conceptual VIOLÊNCIA É CAÇA. Dentre elas, selecionamos os seguintes excertos para a análise:

---

*introduced into a text, or into a conversation, all of the others are automatically made available*”.  
Tradução nossa.



- 1) “[...] e eu estabilizada financeiramente, divorciada a 15 anos com um filho especial, carente, **fui uma presa fácil** [...] era meu bem e de repente meus bens, fez de tudo pra tomar tudo, salario, pensão, aluguéis. **O mau caráter a cada vez que dava uma investida eu recuava** [...] **me seguia a todos os lugares** para que eu não contasse ou pedisse ajuda [...]”
- 2) “[...] **mataram minha infância, e minha inocência** [...] foi quando a esposa dele **me trancou** no quintal com ele e **eu ficava correndo, tentando fugir dele** com muito medo, a esposa dele ria bastante como se aquilo fosse uma brincadeira, o quintal era muito grande **então eu corria com muito medo**, até conseguir **sair de perto** e voltar pra perto da porta e bater lá desesperadamente pra esposa dele abrir [...]”

O quarto nível, referente aos **espaços mentais**, é constituído por instâncias específicas de papéis e relações concebidas ao reunir as informações dos níveis supraindividuais às informações contextuais, ou seja, do discurso. Kövecses (2017) afirma que podemos capturar os mapeamentos de determinados aspectos do domínio-fonte perfilados na elaboração dos espaços mentais, aos quais denominamos focos de significado. Ao analisar os excertos selecionados sob uma perspectiva global, nota-se o perfilamento dos seguintes aspectos de CAÇA: a perseguição da caça pelo caçador, a ameaça à vida da presa e as consequências da caça para a presa. O domínio-fonte CAÇA contribui produtivamente na significação do domínio alvo VIOLÊNCIA por meio do mapeamento elencado a seguir:

CAÇA	VIOLÊNCIA
Perseguição da caça pelo caçador	Perseguição da mulher pelo homem
Ameaça à vida da presa	Ameaça à vida da mulher
Consequências da caça para a presa	Consequências da violência contra a mulher

No terceiro nível de esquematicidade, nota-se que o domínio CAÇA aciona os **frames** PERSEGUIÇÃO, AMEAÇA, ARMAMENTO, FUNÇÃO DA CAÇA, FUGA, MORTE e PRISÃO. O frame PERSEGUIÇÃO evoca o papel de quem persegue (o caçador) e de quem é perseguido (a presa, a criatura a ser capturada); AMEAÇA: indica o tipo de relação – e a intensidade - entre caça e caçador; ARMAMENTO: abrange o tipo de objeto utilizado para machucar e deter a presa; FUNÇÃO DA CAÇA: permite divagar sobre o propósito da

atividade da caça - seja a subsistência, a alimentação, o lazer, o controle de pragas, etc. Os *frames* FUGA, PRISÃO e MORTE são acionados por serem as possíveis consequências para a presa, no papel de vítima da atividade de caça.

O **domínio matriz** CAÇA abrange, no segundo nível de esquematicidade, algumas relações esquemáticas. A caça pode ser caracterizada pela TRAJETÓRIA percorrida por um ser vivo para chegar PERTO de outro ser - seu alvo - almejando a RESTRIÇÃO de seus MOVIMENTOS, contra sua vontade, para enclausurá-lo em um ESPAÇO DELIMITADO ou, por fim, acabar com sua EXISTÊNCIA.

Tal concepção de caça nos leva à análise do primeiro nível de esquematicidade metafórica, os **esquemas imagéticos**. A CAÇA funciona como um domínio-fonte amplo com diversos membros, como o caçador, as armas utilizadas e a própria caça. Vários esquemas imagéticos podem relacionar-se a esse domínio. Podemos observar as relações esquemáticas PERTO-LONGE e CONTATO dentro do esquema imagético de ESPAÇO, a relação TRAJETÓRIA abrangida dentro do esquema imagético ESCALA, as relações de CONTENÇÃO e DENTRO-FORA pertencentes ao esquema CONTÊINER, bem como as relações esquemáticas de EQUILÍBRIO, FORÇA CONTRÁRIA, RESTRIÇÃO, BLOQUEIO dentro do esquema FORÇA e REMOÇÃO, ESPAÇO DELIMITADO, CICLO, OBJETO dentro do esquema imagético existência.

Olhando para os excertos individualmente, em (1), a vítima de violência sente-se como “uma presa fácil”. Em seu discurso, admite ter sido um alvo fácil - devido a sua própria carência - para um homem que tinha interesse em dominar seu corpo e sua conta bancária. Conta sobre “as investidas” de seu ex-marido e sobre o fato de ter que “recuar” a cada ataque. Descreve, também que ele a seguia a todos os lugares. Nesse contexto, são abertos os **espaços mentais** da caça, carência, situação financeira, perseguição, medo e consequências de pedir ajuda. Todos esses espaços mentais contribuem para a construção dos significados das expressões em negrito no excerto 1.

O **domínio** CAÇA participa da conceituação de VIOLÊNCIA por meio de três *frames* que se encontram dentro dele: PERSEGUIÇÃO, AMEAÇA e FUGA. Como sugerimos no mapeamento, o *frame* PERSEGUIÇÃO (que envolve a caça e o caçador) relaciona-se ao marido e à mulher, que foi vítima da dominação física e financeira imposta por ele. O *frame* AMEAÇA (relativo à ameaça à vida da presa) relaciona-se às ameaças sofridas pela vítima através das “investidas” do marido. Já o *frame* FUGA (possível consequência da caça) está ligado à percepção da esposa acerca da perseguição do marido em diversas

ocasiões, necessitando, assim, de ajuda para se desvencilhar dele. Nesse excerto, apenas alguns aspectos do nível mais esquemático são selecionados. São eles os **esquemas imagéticos** PERTO-LONGE, TRAJETÓRIA, FORÇA CONTRÁRIA e RESTRIÇÃO.

Já no excerto (2), a narradora relembra os sofrimentos de sua infância que agora, juntamente com sua inocência, está morta. Ela descreve a tortura psicológica e física vivida no quintal de seu violentador, no qual, trancada, participava de uma espécie de “brincadeira” que consistia em correr para escapar e não ser pega por ele. A conceptualização de VIOLÊNCIA se dá pela abertura dos **espaços mentais** de morte, infância, inocência, prisão, fuga e medo.

Os *frames* acionados aqui são MORTE, INFÂNCIA, FUGA e EMOÇÃO. O **domínio CAÇA** emerge nesse excerto e contribui para a conceptualização da violência a partir dos *frames* MORTE e FUGA. Todos os *frames* parecem estar estruturados por uma série de **esquemas imagéticos**, como CONTÊINER, FORÇA CONTRÁRIA, TRAJETÓRIA, PERTO-LONGE, CICLO e BLOQUEIO. Cabe ressaltar, que no excerto (2) os *frames* MORTE e FUGA são acionados indicando que mesmo que a narradora tenha conseguido escapar da tortura física de seu malfeitor, ainda assim, não conseguiu escapar da morte. O *frame* MORTE, que é uma possível consequência da atividade da caça para a presa, quando esta não consegue fugir de seu caçador, parece aqui, se concretizar metaforicamente através da morte da infância e da inocência da narradora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo analisa a conceptualização de VIOLÊNCIA segundo a metáfora conceptual VIOLÊNCIA É CAÇA. Para tanto, foram gerados dados em um grupo fechado de Facebook, analisados qualitativamente, à luz do paradigma interpretativista e da visão multiníveis da Metáfora Conceptual (KÖVECSES, 2017).

Entender a estruturação do conceito de VIOLÊNCIA em termos de CAÇA demanda a ativação de elementos conceituais concernentes à caça, como a compreensão do que é a caçada, dos papéis do caçador e da presa, das armas e estratégias utilizadas pelo caçador para subjugar a presa.

A conceptualização do domínio VIOLÊNCIA se deu à medida em que os focos de significado foram estabelecidos em relação ao domínio-fonte CAÇA. Nos discursos aqui analisados, o homem passa a ser o caçador, e a mulher torna-se a presa a ser caçada. A

partir daí, uma série de relações são passíveis de serem estabelecidas. Percebemos que a atitude do caçador se relaciona às atitudes do homem e as ações da mulher se relacionam às da presa – que depois de ameaçada, precisa correr, fugir e se esconder para não ser dominada, maltratada ou morta.

Nesse contexto, os resultados da análise revelaram uma construção cultural que estrutura a conceptualização de VIOLÊNCIA enquanto CAÇA, atividade considerada inclusive como um esporte em determinadas culturas. Discutir a realidade de uma mulher vítima de violência, como as dos relatos que compõem o presente *corpus*, é expor também uma forte questão cultural presente na sociedade brasileira e no modelo patriarcal de família. O machismo estrutural parece ter como consequência a violência contra a mulher. O comportamento masculino violento revela a conceptualização das mulheres como animais, passíveis de serem subjugadas, e desvela homens como os únicos indivíduos detentores de força, e, portanto, os únicos que podem exercer total controle sobre a vida feminina.

Nesse sentido, pesquisas como a apresentada têm um papel crucial dentro da sociedade: propor uma reflexão à propósito da maneira como a violência contra a mulher parece ser conceptualizada, partindo da perspectiva das vítimas. Com isso, iniciamos uma reflexão que pode se estender para a compreensão de tal conceptualização sob a perspectiva do homem agressor, a fim de tentar compreender se essa construção cognitiva ocorre da mesma forma em outros contextos. Além disso, essa pesquisa fomenta uma discussão que pode contribuir para a construção de novos entendimentos sobre a questão da violência contra a mulher no Brasil, podendo levar a inclusive a ações voltadas à conscientização social.

## REFERÊNCIAS

ANTHONY, L. **AntConc (Versão 3.2.4)** [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University, 2012. Disponível em: <<http://www.laurenceanthony.net/>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

BRASIL. Panorama da Violência contra as Mulheres no Brasil: Indicadores Nacionais e Estaduais. **Instituto de Pesquisa DataSenado**, 2018. Disponível em <<http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR-2018>>. Acesso em 25 set. 2020.

CARVALHO, N.; KRAMER, R. A linguagem do Facebook. In: SALIÉS, T. G.; SHEPERD, T. G. (Org). **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 77–94.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2014.

FILLMORE, C. J. Frame semantics. **The linguistic society of Korea: linguistics in the morning calm**. Korea: Hanshin Publishing Company, 1982.

KÖVECSES, Z. **Where metaphors come from: reconsidering context in metaphor**. Oxford University Press, NY: 2015.

KÖVECSES, Z. Levels of metaphor. **Cognitive Linguistics**. n. 2, v. 28, p. 321-347, 2017. Disponível em: <<https://www.degruyter.com/view/journals/cogl/28/2/article-p321.xml>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

KÖVECSES, Z. **Extended Conceptual Metaphor Theory**. Cambridge University Press, 2020.

KRUG, E. G. **World report on violence and health**. Geneva: World Health Organization, 2002.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGAKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LINDE, C. **Life stories, the creation of coherence**. New York: Oxford University Press, 1993.

PRAGGLEJAZ GROUP. MIP: A method for identifying metaphorically used words in discourse. **Metaphor and Symbol**. n. 1, v. 22, p.1-39, 2007. Disponível em: <[https://www.lancaster.ac.uk/staff/eiaes/Pragglejaz\\_Group\\_2007.pdf](https://www.lancaster.ac.uk/staff/eiaes/Pragglejaz_Group_2007.pdf)>. Acesso em: 25 abr. 2020.

